



**Manifesto
dos Intelectuais Comunistas
do Distrito de Lisboa**

Em Defesa da Paz

A luta pela Paz é hoje tarefa central para os povos de todo o mundo. É – como tem sido desde há um século – a que exige o mais alargado trabalho de unidade. Os trabalhadores e os povos são quem mais determinadamente a tem defendido, mas a causa da Paz tornou-se a da sobrevivência da humanidade inteira.

Frente mais alargada do que qualquer outra, requer ao mesmo tempo grande abertura e clareza de formulação política. Não pode defender-se a paz sem identificar justamente aquilo que a ameaça, que factores e políticas desencadeiam, alimentam e prolongam a guerra, que estratégias de poder consideram o recurso à guerra como justificável e necessário, como se formatam as mentalidades e o ambiente ideológico em que tal opção possa ser aceite.

Nos anos 20 e 30 do século passado, quando tomaram forma os primeiros grandes movimentos mundiais de defesa da Paz, os intelectuais assumiram neles um muito destacado

papel. Assim foi também nos movimentos do final dos anos 40 e dos anos 50 pela Paz, contra a criação da NATO e contra as armas nucleares, no movimento dos anos 60 e 70 contra a guerra do Vietname e dos anos 70 contra a instalação de mísseis norte-americanos na Europa, que atingiram escala de massas. Assim continuou a ser até hoje. E esse empenho exigiu sempre grande firmeza e coragem, porque poucos movimentos foram e são tão violentamente hostilizados pelo imperialismo como os que defendem a causa da Paz.

Quando hoje se fala em «partido da guerra» não se fala de uma abstracção. No nosso país, ao arrepio da Constituição da República, sucessivos governos da política de direita optaram por ele, alinhando em todas as agressões militares levadas a cabo pela NATO.

É vital dar combate ao partido da guerra em todas as frentes: política, ideológica, cultural, informacional, científica e, sobretudo, na consciente mobilização e intervenção das massas.

A causa da Paz requer mobilização na frente cultural. Requer a denúncia de todas as formas com que o partido da guerra se justifica e procura naturalizar: com a estetização da violência e da guerra; com o racismo e a desumanização de outros humanos; com a demolição da ideia de igualdade e a sistemática promoção da lei do mais forte; com formas extremas de iliteracia; com a elisão do que, sendo diverso em diferentes grupos humanos, é raiz de humanidade comum; com a exclusão (no extremo do «cancelamento») de outras formas de expressão cultural e o esforço de dar forma cultural às relações de dominação que quer perpetuar.

A causa da Paz requer mobilização na frente da ciência. Requer o combate a todas as formas como o partido da guerra se apropria e instrumentaliza os avanços da ciência e da técnica: seja qual for a área científica em causa – da física e da biologia à robótica –, sempre novas armas não só com um poder de destruição exponencialmente acrescido mas também cuja operacionalidade é cada vez mais incontrolável pelos meios humanos disponíveis.

A causa da Paz requer mobilização no plano dos meios de comunicação. O partido da guerra dispõe de uma poderosíssima rede global de difusão e manipulação mediática. A essa rede correspondem pólos fortemente centralizados que nada têm a ver com informação e menos ainda com jornalismo. Os meios disponíveis contra tal agressão são extremamente desiguais. Mas não é nessa diferença de meios que reside a linha essencial de confronto, mas na capacidade de mostrar o real papel que essa rede

de instrumentos de «guerra híbrida» desempenha na ofensiva que percorre praticamente todo o planeta. É nesse plano sobretudo – o da denúncia e da desmontagem, o da construção de consciência crítica – que a luta se trava.

A causa da Paz requer mobilização no plano da economia e do desenvolvimento. O partido da guerra prospera não apenas sobre a rapina, o monstruoso negócio das indústrias do armamento, o enorme desvio de recursos públicos, mas também sobre a desigualdade e a pobreza, sobre a exclusão e a marginalização social e económica, sobre uma sociedade sem horizonte de progresso. O partido da guerra é o partido da fracção mais reaccionária e agressiva da classe dominante. Recruta quadros nas elites sociais e carne para canhão entre os mais pobres e marginalizados. A guerra económica e social e a repressão do protesto contra ela são a forma interna da acção exterior do partido da guerra, e, nesse sentido, toda a guerra é sempre também guerra civil.

A causa da Paz constitui uma enorme responsabilidade e uma tarefa militante central para os trabalhadores intelectuais. Integram uma linha de acção dos povos que, desde há mais de um século, tem mobilizado muitas das mais destacadas figuras de intelectuais no nosso país e em todo o mundo. Não existe nenhuma área – da criação artística ao direito, da economia à informação, das ciências sociais à arquitectura – a que a causa da Paz possa ser alheia. **Todo o trabalho intelectual se pode dirigir a valores e promover direitos fundamentais dos humanos. Nenhum deles é separável da causa universal da Paz.**

Este Manifesto foi aprovado na
**IX Assembleia da Organização do Sector Intelectual
da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português**
realizada a 21 de Janeiro de 2023

www.dorl.pcp.pt